

Encontro com Drummond

LYGIA FAGUNDES TELLES

Foi por volta do ano de 1944 que li pela primeira vez as poesias de Carlos Drummond de Andrade. Cursava então a Faculdade de Direito e estava — como quase todos os da minha geração acadêmica — meio mergulhada ainda nas docuras romântico-paraianas quando de repente conheci o poeta de Itaboraí. No início, o choque. A perplexidade. Mas que poeta era aquele? E que poesia era aquela? E certo que já tinha me iniciado na poesia moderna de um Manuel Bandeira, de uma Cecília Meireles, de um Guilherme de Almeida, de um Vinícius de Moraes, de um Mario de Andrade... Mas esses eram moderados, mais moderados, digamos, mais comedidos. Nesses eu encontrava facilmente o lirismo, eu que ainda não dispensava o lirismo nos meus escritos. Mas o lirismo de um Castro Alves, de um Gonçalves Dias, de um Álvares de Azevedo. E a verdade é que eu ainda conservava interiormente a mesma apaixonada face gineasiaca, quando então recebi a Casimiro de Abreu e sabia de cor a "Oração aos Moços".

Mas que poeta é este? Fiquei me perguntando. A poesia que eu amava retratava um mundo ideal, às vezes amargo, sim, dolorido mas revestido sempre de uma certa beleza. E eis que agora, com a mesma força e com o mesmo misterioso poder, aquele poeta mineiro, aquele Carlos Drummond de Andrade me arremessava a um mundo real, tão real que chegava a me assustar com o imprevisível de sua realidade antipoeética e da qual eu sempre fugira a galope. Afinal, aquele mundo de cimento armado e de funcionários públicos, de dentes de ouro e de calças, de ratos e de mortos não em esquifes dourados mas encaixotados convenientemente, como cobolês — aquele mundo de desencanto e de náusea devia mesmo ser cantado em versos?

Foi esta a minha primeira dúvida: aquele mundo tão miserável devia ser cantado em poesia? E podia haver beleza nesse tipo de poesia? Lembro-me de que estava numa aula de Economia Política. E enquanto lá na cadeira o professor pedira nossa maior atenção ao acentuar que Economia Política era uma dama esquiva, eu folheava o livro do poeta de Minas e pensava que ali estava uma poesia mais esquiva ainda. Assinaei com lapis vermelho poemas que me pareciam mais fáceis de serem entendidos: os mais líricos. E passei furtivamente o livro a um colega com um bilhete: Lela só as poesias que marquet e me diga depois o que você achou.

Já no fim da aula ele devolveu-me o volume com uma frase: "Lá tudo. Completamente louco. Fabuloso". Lembro-me ainda de que entramos numa livraria para comprarmos, de sociedade, um tratado de Economia Política e acabamos comprando outro livro do poeta. Ao lado, o colega de cara incendiada e cabeleira de Carlos Gomes fumava cigarro após cigarro. E ria: "Esse cara é meio louco mas é uma maravilha. Você viu aquela história da pedra? No meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho".

Apenas uma pedra no meio do caminho. "Nunca mais me esquecerei desse acontecimento", eu disse no fim do ano quando fiquei para segunda época. Apenas uma pedra. Outros acontecimentos e outras pedras viriam depois mas esse poema, justamente esse poema que eu não indicara com receio de que meu colega arrepiasse a carreira e não quisesse ler os demais — justamente esse poema que eu julgava que passasse em branco me marcava como aquele lapis vermelho marcando o papel.

Aos poucos, quase inconscientemente, comecei então a recorrer a este ou àquele verso do Itaboraí quando em face deste ou daquele fato, verso, alguns trágicos, outros divertidos, imprezados de uma graça meio triste e que passai a compreender melhor, a graça dos que escorregam e ficam em seguida a esfregar no chão as solas dos sapatos, na tentativa de se livrar de uma casca que nunca existiu. A umida graça

chaplina, com pudor da tristeza, com pudor da alegria, embuando o lirismo mais furtivo do que o gesto de Carilhos escondendo no bolso a flor que pretendia oferecer à bem-amada. A bem-amada que ele encontrava passando de mãos dadas com outro.

Lembro-me também — ah! as primeiras lembranças drummondianas — de que vi certa manhã um calouro-rasgar entredido o poema inspirado nesse mesmo Charlie Chaplin. Lembro-me também de que vi um outro jovem ler esse poema com os olhos cheios de lágrimas. Comecei então a reparar que o poeta ou era acido de modo total ou negado de modo total. Quando se falava no seu nome não havia nunca mais palavras, reticências, gestos de Conselheiro Acacio imitando um menelo de barco: "Assim, assim...". Nunca. Ou era amado ou detestado. A meio-cre acitação moderada não combinava com aquela sua orgulhosa poesia de olhos enxutos, sem o recurso fácil das rimas ou da enfase. Poesia orgulhosa, sim, mas ao mesmo tempo humilde. Poesia clara, sim, e, ao mesmo tempo, tão misteriosa!

Tamanho misterio, eu pensava afeiçoando-me cada vez mais aos poemas que no início afastara por considerar antipoeéticos, difíceis. Eram eles que agora me fascinavam com seu grão de imprevisível e de loucura. Uma loucura tão sábia. Tão lucida. Tão tranquila.

Fascinava-me, sobretudo, a coragem desse poeta, uma coragem que o levava a escrever até antipoeeticamente para não sacrificar a autenticidade da sua criação, para não torcer o sentido da vida que, segundo suas deduções, não tinha mesmo nenhum sentido. Desistira do lirico para não mistificar o verdadeiro, sem demonstrar o menor interesse em bajular o público, em conquistá-lo com temas do agrado das declamadoras distintas e dos namorados lúididos ou deslúididos no amor.

Até Mario de Andrade chegou a sugerir que se o poeta fizesse uma poesia menos inteligente, menos cerebral, poderia ser mais longa ainda. Por que não deixava de lado o tipo do poema-plata? "Seria preferível, escreveu ele, que Carlos Drummond de Andrade não fosse tão inteligente... A reação intelectual contra a timidez já está mais do que observada: provoca amargor, provoca humor, provoca o fazer graça sem fraqueza, sem alegria nem saúde".

E qual a reação do poeta? Por acaso fez alguma concessão? Por acaso aplinou mais o tema ou estilo? Não. As discussões e controvérsias a seu respeito, se o perturbaram, ninguém o soube. A vida não era uma ordem? Então, toca a prosseguir implacável, fiel consigo mesmo numa caminhada sobre nuvens mas na dureza do asfalto. Acariciando não a cabeleira da fantasia mas agarrado aos asperos cabelos do cotidiano e no qual se há radiosas estrelas, há também dentaduras duplas rindo solitárias nos respectivos copos.

Ele tinha a intuição de que sua poesia a falsa congruência — obedecia simplesmente, conforme frisou o crítico Moacir Garcia, a "um processo ao qual o leitor superficial e desatento pode chamar de trocadilho, de piadismo, de anedota. Mas jamais era uma poesia gratuita e muito menos irresponsável ou esportiva".

Por essa época publiquei um livro de contos. Uma certa noite, vespere de exame, enquanto eu folheava as apostilas de Direito Civil, uma idéia a princípio meio obscura começou a me afligir. Deixei de lado as apostilas e pus-me a ler meu livro. Quando chegaram os dois colegas que eu convidara para estudarem comigo, eu já estava mergulhada na maior das aflições. E' que de repente sentira o calor... "Que coisas?", quisera eles saber. Eu também não sabia ao certo. Mas sentia-me triste e confusa. Apareceu o livro de Carlos Drummond de Andrade e li para eles alguns poemas. E' isto que temos que conquistar, disse-lhes. E' este estilo, é esta grandeza. Tudo tão reto, tão enxuto, feroz de tão enxuto. E limpido. E' consequente ser musgo e ao me-



Balada livre em louvor de Carlos Drummond de Andrade

Louvo o Padre, louvo o Filho,
O Espírito Santo louvo.
Isto feito, louvo aquê
Que ora chega aos sessent'anos
E no meio de seus pares .
Prima pela qualidade:
O poeta lúcido e límpido
Que é Carlos Drummond de Andrade.

Prima em Alguma Poesia,
Prima no Brejo das Almas.
Prima na Rosa do Povo,
No Sentimento do Mundo.
(Lírico ou participante,
Sempre é poeta de verdade
Esse homem lépido e límpido
Que é Carlos Drummond de Andrade).

Como é fazendeiro do ar,
O obscuro enigma dos astros
Intuí, capta em claro enigma
Claro, alto e raro. De resto
Ponteia em viola de bolso
Inteiramente à vontade
O poeta diverso e múltiplo
Que é Carlos Drummond de Andrade.

Louvo o Padre, o Filho, o Espírito
Santo, e após outra Trindade
Louvo: o homem, o poeta, o amigo
Que é Carlos Drummond de Andrade.

MANUEL BANDEIRA

Ilustração de ALDEMIR MARTINS

no tempo é pedra. E nós, o que somos? Uns pegias sem fundo e sem forma, prossegui sacudindo o livro para ambos, estreantes como eu.

Pela primeira vez tomava consciência do problema da forma. Pela primeira vez duvidava de meu respeito me sacudiam até as raízes, a mim e aos meus companheiros até então radiantes com os próprios trabalhos. Discutimos ferozmente pela noite adentro. Pela noite adentro três jovens até então seguros, confiantes, mergulharam na mais desesperada das dúvidas: Estávamos inquietos e perguntávamos, nós que vivemos sempre a resposta pronta. Indagávamos, nós que sempre estivemos tão certos. A segunda inquietação nasceu em nós. Tínhamos morrido a isca e agora nos debatíamos diante da esfinge que nos interpelava serenamente: trouxe-xeste a chave?

"Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta: trouxe-xeste a chave?"

Trouxeste a chave?, prossegui perguntando a mim mesma. Fiquei então humilde. Fiquei desconfiada. O poeta me ensinara que sob a pele das palavras havia "cifras e códigos". Era preciso, pois, paciência, eu que era a própria impaciência. Era preciso habilidade, eu que era estouvada. Paciência e habilidade não destituída de amor

para abrir esses cofres onde as palavras aguardavam o eleito que viria possuí-las. A lição maior estava nos seus versos que não tinham, contudo, a menor intenção de ensinar. Lição generosa, lição cristã, impregnada de uma ternura quase sempre irônica, é certo, mas ternura. As dores do mundo atingiam-nos em cheio e ele sofria mas seu sofrimento era contido, grave. Um sofrimento à maneira de um Machado de Assis que também não agredia nem esbravejava: constatava, apenas constatava. E com ironia e com amor procurava ajudar o próximo abrindo-lhes uma janela para o céu infinito da criação.

Os jovens tem uma capacidade incrível de sofrer e eu tinha bons motivos de sofrimento. Apenas, após a descoberta do poeta, comecei a apelar também para o humor, colhendo não só lições de forma mas também de comportamento. Era daquela inteligência, precisamente daquela inteligência que Mario de Andrade considerava excessiva que eu precisava. Inteligência nunca despidida de bondade, de emoção e que fez Oto Maria Carpeaux exclamar: "Quero diz-lo, com toda franqueza, que o encontro com a poesia de Carlos Drummond de Andrade me foi um conforto nas trevas".

Esse encontro foi também para mim um conforto, quero diz-lo neste instante, uma maravilha. Lição da arte de escrever e da mais difícil ainda arte de viver. Não sei se conseguirei aprendê-la mas se não con-

segui, a culpa não cabe ao mestre e sim ao aprendiz. Ainda no começo deste ano, enquanto regressava de uma viagem a uma cidade do nosso interior e onde proferira uma conferência sobre o poeta, vi-lho justamente pensando em tudo isso. Pensando no quanto me enriqueci com sua obra. No quanto me enriqueci com sua amizade.

Chovia e fazia frio no ônibus que varava a noite. Fechei os olhos e sorri para mim mesma ao me lembrar de que havia apenas uma meia dúzia de gatos pingados na sala: por uma dessas coincidências fatais, precisamente nessa noite estive na cidade um circo famoso. E o meu provável público lá se fora todo para ver a bicharada...

Mas meu coração estava aquecido por uma pequena lembrança: ao terminar a conferência, um jovem de cabeleira rebelde e com o mesmo brilho no olhar daquele meu antigo colega, veio falar comigo. "Sou poeta, disse ele. Confesso que não tinha lido ainda Carlos Drummond de Andrade mas vou fazê-lo agora, prometo", acrescentou apertando-me a mão como se selesse um pacto.

Drummond, mestre de coisas

HAROLDO DE CAMPOS

Não por coincidência, no ano em que completa seus sessenta anos, Carlos Drummond de Andrade dá-nos dois novos livros: "Lição de Coisas", coletânea de seus poemas mais recentes, edição José Olympio; "Antologia Poética", uma seleção de sua poesia até agora, segundo uma classificadora sequencial que não é cronológica nem fásica, mas antes vetorial por certas ocasiões temático-formais, e na qual se compilam, inclusive, alguns inéditos (Editora do Autor). Digo não por coincidência, porque Drummond é antes de mais nada um "maker", um "inventor" (meio "todo é palavra", já observou Decio Pignatari), e por isso mesmo, há nele essa capacidade rara de transferir mesmo as efêmeras mais íntimas para o horizonte do fazer, de celebrá-las então não em "festa", mas em criação, na "luta corpo-a-corpo com a palavra", que deve ser, aliás, em poemas como este, o segredo exterior para a perene juventude do espírito.

Não sei como os eternos custodios do bom-tom formal e os adversários empedernidos de toda poesia de aventura criativa — gente que tem do humano uma noção esquemática e pouco lixeira — não se sentem ao fazer para "felicitir e despitir"; mas o fato é que o último livro de CDA é um livro que se coloca em cheio, e com alarde de recursos e experiências, na problemática da poesia brasileira (eju internacional) de vanguarda, perante a qual já se situaram, cada um por seu turno, com menor ou maior radicalidade, de episódica ou definitivamente, poetas como Manoel Bandeira, Cassiano Ricardo, Edgard Braga. Refiro-me especificamente às questões levantadas pelo movimento de poesia concreta e às suas demandas em prol de uma nova linguagem poética apta a refletir a civilização contemporânea, às quais CDA sobre a omissão da moda de muitos, soube enfrentar e replicar em termos de alta e personalíssima criação.

Com isto não se está querendo fazer qualquer miúda reivindicação de possíveis áreas de influência ou contágio, pois, no caso, se poderia argumentar que o contrário foi a poesia concreta que assumiu as consequências de certa linha da poética drummondiana (aquela que o crítico Oliveira Bastos rastreou, à maneira de um "continuum formal", de Oswald a Drummond, e deste a João Cabral, num artigo publicado no dia 28 de maio de 1961). De fato, um poema como "No meio do caminho", do livro de estreia de CDA ("Alguma Poesia", 1930), posição que se tornou emblemática não só de sua poesia mas de toda uma fase heroica de nosso modernismo, pode ser visto — e é assim que o vêem os poetas concretos — como uma verdadeira "concreção" linguística, pois se utiliza de uma escandalosa técnica de repetições (e uma extrema redundância, como adverte Max Bense, já se pode constituir, por sua originalidade, em informação estética) para fazer dela o suporte taológico no qual se sustenta, como uma perla na sua madrepérola, a emoção-surpresa ("Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas"). De outro lado, a ninguém, a não ser por mim fé, ocorreria falar em tráfico de influências. Trata-se, sobretudo, de uma atitude crítica do criador responsável perante o dever de arte, de um referir-se e datar-se incessante frente a novas circunstâncias que permitem engendrar no passado um presente e desgarrar deste um futuro, atitude objetiva e impessoal que, por isso mesmo, admitirá não influências, mas confluências e pontos-de-encontro, sem prejuízo da autonomia das opções individuais.

Drummond, em "Lição de Coisas", reencontra as matrizes de sua poesia, ainda coladas a 22, e retraga — retomando-o — o percurso de sua obra-em-progresso, apenas interrompido pela estação neoclássicante de "Claro Enigma" (1951). Pois o Drummond que se fechou a "cifras" e "pequeno misterio gramatical de "Aporo", poeta de perquirição ontológica sobre o próprio poema; o Drummond que emprestara a "gravata chamejante" de Neruda e saudara Maikavski, que quisera ver seu poema "atravessado pelo povo", e Drummond participante de "Nosso Tempo" ("A Rosa do Povo", 1943-45), capaz de apurar o "elán" tribuneiro no gume acurado da ironia da derisão, do repente não por acaso nas "circunvoluções da "guerra fria" do segundo pós-guerra) começou a entender-se dos acontecimentos. "Les événements m'ennuient", Valéry, é a significativa epigrafe de "Claro Enigma". E ele a praticar esse tedio alienante, rescrevendo em soneto ("Legado") o seu "No meio do caminho tinha uma pedra", que veio "uma pedra que havia em meio do caminho", em polida e castiga chave-de-ouro. Isto para não demonstrar, talvez — como se fosse possível prestar tributo à tradição viva — sua mestria do idioma, sua familiaridade com as formas fixas, sua pericia metrificativa; sua incorporação enlim a uma "tradição". Esta pausa, certamente o afeição de seu itinerário poético, compreensível numa quadra em que, sociologicamente, o País estava em compasso de espera e, esteticamente, nossa poesia andava atacada da nostalgia da restauração; em que o modernismo era dado como um ciclo encerrado e "modernista" passava a ser uma caracterização depreciativa; em que se tomava forma por forma e um Oswald — esse incansável inventor de novas formas — era acusado de ter praticado uma poesia (e uma prosa) sem preocupações formais... esta pausa — não fosse Drummond quem é — revelou-se, porém, não como uma

demissão das conquistas anteriores, mas como a tomada de impulso (premeditada ou não, pouco importa) para um novo arranque qualitativo. Tudo isto sem embargo de que, no próprio "Claro Enigma", a guinada neoclássica foi às vezes, nos melhores poemas, pretexto para memoráveis excursos de dicção em exercícios que um Pound faria, mais coerentemente, via tradução — dentre os quais não pode ficar sem menção o "A Máquina do Mundo", ensaio de poesia metafísica (quem sabe até de secreta teodicéia laica), ao qual se recorta o perfil dantesco.

Agora, nesta "Lição de Coisas" (agora? já antes, num poema como "A um hotel em demolição", de "A vida passada a limpo", 1959), CDA atrai mais uma vez para diante o marco milieiro de sua poesia e, neste, o da poesia brasileira. Nesta "Lição de Coisas", se não há o "Parti pris des choses" de Ponge (que Sartre entendeu como um afa de "minéraliser les hommes", mas que Robbe-Grillet, com mais propriedade, vê como uma "anthropomorphisation des choses"), se não há a atitude lucreciana de redescoberta das coisas da natureza em termos humanos que preside o roteiro do poeta francês, há porém (e isto se parece) a consideração do poema como objeto de palavras, a resolução última de tudo — emoção, paisagem, ser, revolta — na suprema instância da coisa-palavra. Aqui, o poema se abre a todas as pesquisas que constituem o inventário da nova poesia: ele incorporando o visual, fragmentando a sintaxe, montando ou desarticulando vocabulário, praticando a linguagem reduzida. Não que estas perquirições surtissem só hoje em Drummond. Provaram o contrário peças como "Canto esponjoso" ("Novos Poemas", 1946-47): "Valvas, curvos pensamentos, / matizes da luz azul completa sobre formas constituídas", ou aquele poema de 1957, jamais republicado, dedicado ao edifício de MAM do Rio de Janeiro, onde aparece:

"Uma concreção do mistério pristino feito matemática", e onde a sigla MAM é projetada no branco da página, como uma constelação movel. Mas sim que, em "Lição de Coisas", elas se intensificam e se radicalizam. Desde logo, em poemas como "Terras", "O Sítio", há uma reconsideração da poesia-minuto de Oswald e um reencontro com peças como "Cidadezinha qualquer" e "Anedota bulgara" do CDA estreante. Aliás, a linguagem reduzida é programática de toda uma grande linha do poeta, para a qual valeria o remate crítico do "Poema-Orelha" ("Poemas", 1959): "e a poesia mais rica é a sinal de menos". Sobre tudo, neste livro de sessenta anos, o poeta reassume sua constante dialética mais autêntica (o seu "projeto" como formulou Decio Pignatari), fazendo, concomitantemente, poesia de reflexão crítica e poesia de participação; ou, como me agrada dizer, "poesia-poesia" e "poesia-para". Os acontecimentos voltaram a "ofendê-lo" (o que se lê na introdução do livro) e sob o impacto deles, dissolveu-se feito uma bruma o "ennui" abastista de "Claro Enigma". A reabertura a "matéria do presente", aos novos conteúdos do presente problemático e contundente, significou mais uma vez, neste poeta paradigmático, uma insatisfação com o repertório formal fixado pela tradição, e, pois, uma reabertura recíproca às novas formas provocadas por esse presente. Nisto sua poesia é isomórfica do seu sentimento do mundo. Exemplo da primeira linha (poesia-poesia) é o admirável "Isso é Aquilo", publicado em primeira mão neste Suplemento, poema-dicionário dos acasos da composição, a girar sobre si mesmo num eixo mallarmático, sem dúvida alguma um dos pontos mais altos da atual poesia brasileira (não será talvez fortuito registrar que o termo deste poema já parece estar em "O material da vida", de "A vida passada a

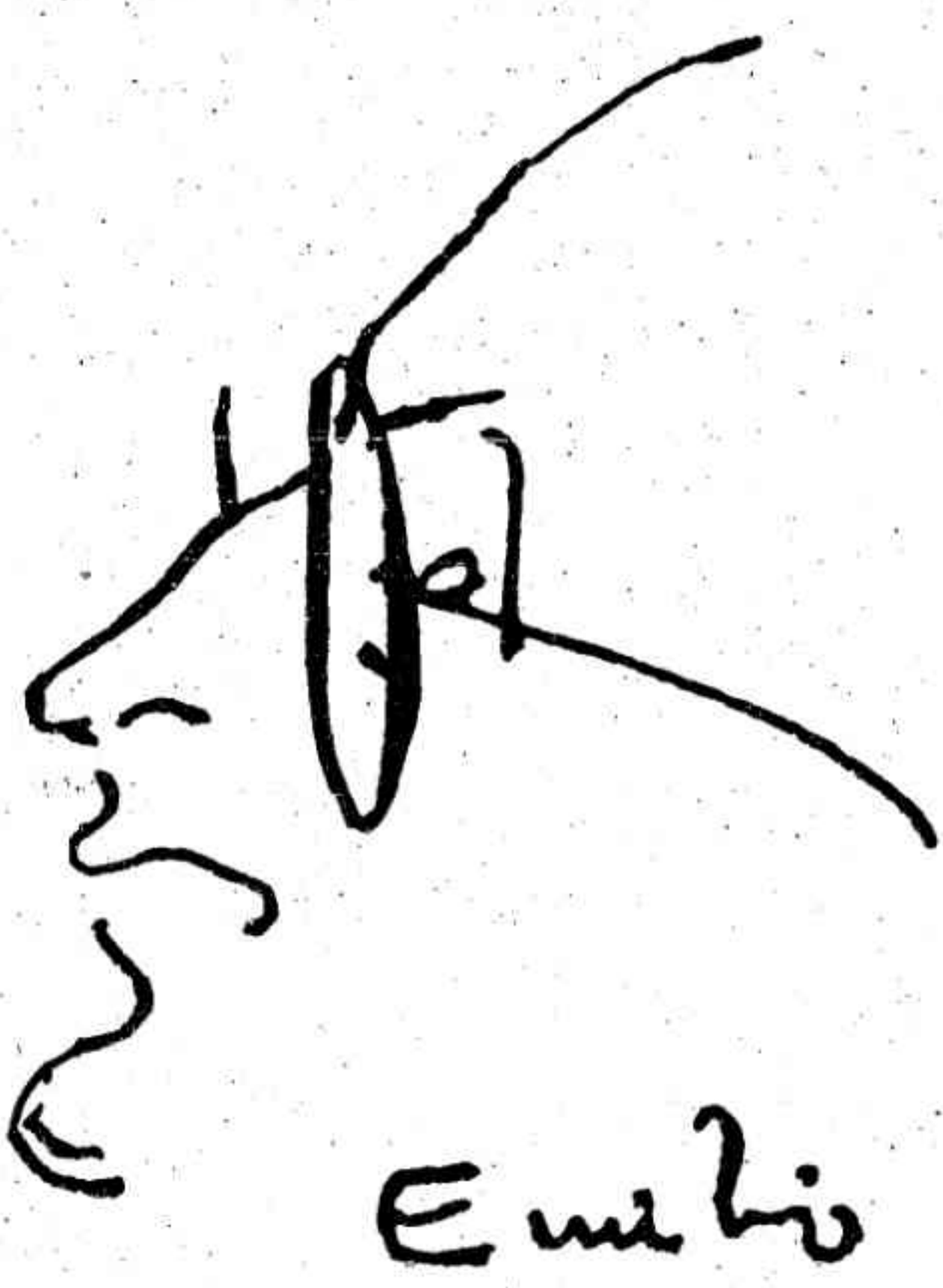
limpo"). Na mesma vertente, "Massacre" e "F". Exemplo da segunda (poesia-para), é "A Bomba", poema visual, que se mostra aparentemente arbitrário, como se os sintagmas que o formam fossem combinados por um computador eletrônico ao qual se ministrasse um programa operacional (experiência nesse sentido, e não por coincidência usando, entre outros, excertos de um texto sobre a explosão de Hiroshima, foi realizada recentemente em Milão, pelo "nuovissimo" Nanni Balestrini, redundando num curioso fragmento de atmosfera quase surreal, "Tape Mark 1"). A "Bomba" drummondiana, porém, sobre a primeira impressão de gratuidade e sobre o que haveria eventualmente de fácil nessa re-fabricação em série de paralogismos, consegue afinal impor um contexto coerente e envolvente, de revolta contra a corrida belica e de fé no humanismo pacifista. Faz pensar, sem prejuízo de sua incontestável autonomia, em "Bomb", o calligramático americano do jovem poeta norte-americano Gregory Corso, que recorre também a uma combinatoria de estilismos semânticos, embora o poema de Corso — seguramente uma das mais valiosas realizações da poesia "beat" — se esgote antes, como endereço ideológico, na rampa para o vazio do desespero anárquico e apocalíptico. Num outro âmbito de participação (participação de existência), o lirismo fenomenológico de "Amar-amor" e a cartografia vivencial de "A Palavra e a Terra", ambos sob o signo do experimento verbal. Não que em "Lição de Coisas" tudo conte. Várias coisas não contam e podem ser — descartadas: certa poesia comemorativa e memorial (inclusive uma esportiva recada no soneto); certos poemas "padrescos" que se salvam pelo fio fino do humor; alguma insistência no "discurso maior". Mas o que conta, além de numeroso, é, principalmente, fundamental.

Na "Antologia Poética", também lançada este ano como já ficou dito, estão alguns excelentes inéditos ("Descoberta", "Cermática"). Importa, ademais, como lembrei, a própria depolimento do poeta sobre os caminhos de sua poesia, observar a arrumação não lógica, mas analógica, que CDA dá às produções extraídas de seus vários livros (inclusive de "Lição de Coisas"), distribuindo-as pelos seguintes compartimentos: "1. o indivíduo; 2. a terra natal; 3. a família; 4. amigos; 5. o choque social; 6. o conhecimento amoroso; 7. a própria poesia; 8. exercícios lúdicos; 9. uma visão, ou tentativa de, da existência", tudo isto correspondendo, em nomenclatura mais translata, a "1. um eu todo retorcido; 2. uma província; esta; 3. a família que me dei; 4. cantar de amigos; 5. na praça de convites; 6. amar-amor; 7. poesia contemplada; 8. uma, duas argolinhas; 9. tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo". O total gera, para quem se dispuser a meditarlo, um ideograma crítico da obra de CDA.

Da obra, volto ao poeta. A Drummond sexagenário (Oswald, em cuja verge antropofágica CDA foi mais de uma vez temperar sua malícia mineira, não gostava do termo, e preferia transformá-lo em "sex-appeal-gênario", para escarmento definitivo de qualquer idéia de jubilação ou senatorialia artística...), a Drummond de "Lição de Coisas", creio que a melhor homenagem que lhe poderá prestar a poesia nova não será recordá-lo os fatos e feitos, humanos e literários, nem invocá-lo, ungi-lo, e nome tutelar numa aureola de respeitabilidade acadêmica, doutrada e referendos professorais ou bafelada pelo odor de santidade das consagrações historiográficas. Será dizer-lhe que o considera um dos seus, presença viva e atuante nos debates que trava, será afirmá-lo que vai buscar permanentemente em seus livros — no dos vinte e oito como no dos sessenta, na sua poesia feita como na que está se perfezendo — investigação, incitamento, crítica: viver para a criação, "nutrimento para o impulso".



Drummond numa caricatura de Hilde Weber



Drummond visto por Emilio Moura